

PATRÍCIA MENDES

ÓPERA DA ESFERA

2020

Autora: Patrícia Mendes

Título: Ópera da esfera

Salvador – Bahia

2020

Capa e interiores:

Desenhos de Nelson Magalhães Filho.
“Anjos para Frida”.

Diagramação: Reinadi Rodrigues Sampaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M49o

Mendes, Patrícia.

Ópera da esfera / Patrícia Mendes. – Salvador: SDMarini, 2020.

98 p. : 21 cm.

ISBN 978-65-88367-52-0

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD: B869.1

Ficha catalográfica elaborada por

Débora Soares Vicente de Santana – Bibliotecária CRB-9/1914

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Poesia B869.1

DEDICATÓRIA

Para *Julinho, Matheus* e *Rebi*, minha vida,
meus poemas.

AGRADECIMENTOS

Marco Kipman, meu amigo, por sua presença iluminada em minha vida

Reinadi Sampaio, poeta e artista visual, que com esmero formatou, diagramou e acompanhou o processo criativo e estético desse livro. Para Flor, minha gratidão pelo delicadíssimo trabalho

Lita Passos, poeta e amiga querida, agradeço o mergulho abissal na poesia dessa “Ópera”, expresso em um prefácio generoso. Grata, Divina

Luciano Fraga, agradeço a leitura empática desses versos e a elegante generosidade do posfácio

Nelson Magalhães Filho, queridíssimo e eterno amigo, agradeço os “Anjos para Frida” que sustentam, coloreem e como vem meus versos

Marinyze Prates, Mestra!

PREFÁCIO

Ópera da esfera

"Temos a arte para não morrer da verdade"

"Eu vos digo: é preciso, às vezes, ter um pouco de caos dentro de si, para poder dar luz uma estrela dançante".

Friedrich Nietzsche

Com humildade, peço licença às forças sagradas da natureza para imprimir minhas digitais nesse pote lacrado de tintas e conectar-me com a essência desta talentosa poetisa, Patrícia Mendes, que abre as portas deste livro de poesia, Ópera da esfera, nos alertando: "Há potes de tinta/lacrados que somente se abrirão/por digitais consagradas /ao ofício do coração/ e ai de quem/ puser as mãos". Delicadeza, coragem e um pouco de magia para entrar nessa ópera da esfera que a poeta nos convida a conhecer. São cantos, parábolas como alegorias de uma voz forte, memórias de infância, sangrias, exaustão, vidências; o azul, a água, o amor, o infinito, blues... E a poeta se salva e nos oferece o pão que alimenta a alma.

Dentro da Ópera da esfera cabe a vida e a morte; a morte como regresso a uma memória atávica, a vida na sua evolução espiritual, onde a poesia condensa, destrói, e devolve as dores do mundo em cada morte vivida, em cada verso tecido. Há um coração que suspira brilhante, delicado, permeado de eras, horas, minutos no canto do metal do *tic-tac* de um relógio sem cordas, que insiste em marcar um tempo; um coração que quer imortalizar-se, quer atravessar todo o fio da existência da origem ao infinito, sendo Mandala, sol, arriscando-se com cuidado no puxar desse fio da vida para que o tempo passado, o presente e o futuro sejam vividos aqui e agora.

*Morre-se
muitas vezes
em uma vida
Já morri
em pleno sol
de meio-dia
Nervos congelados
na agonia
de um corpo
que resiste.*

Percorre essa poética um tempo, um tempo-espço, um tempo-luz, onde se move a vida, a morte, o verso, o verbo, a palavra, a metáfora, o labor, a memória afetiva, o som, os sonhos, as filosofias, as utopias, aonde a poeta vai até o osso, ao tutano da palavra, lamber o sentido da vida num acasalamento entre o texto e o corpo buscando a essência da linguagem.